

XIV - UM ESPAÇO PARA APRENDER

Quando encontrei Karran pela segunda vez, comentei com ele o grande interesse que várias pessoas demonstravam em conhecê-lo. Ele não concordou comigo, mas como eu argumentei com ele sobre este interesse, me foi mostrado um meio para que todas aquelas pessoas tivessem a oportunidade de conhecê-lo, aprender com ele e desfrutar comigo deste contato que para mim, é tão importante.

Karran me sugeriu, nesta oportunidade; que eu, juntamente com todas aquelas pessoas, encontrasse um lugar afastado dos grandes centros residenciais e nos mudássemos para lá. Ali trabalharíamos e viveríamos e ele, Karran, iria nos visitar, falar conosco e nos ensinar sempre que lhe fosse possível.

Entre as coisas que ele nos poderia ensinar estava: como fazer do meu semelhante um irmão, como tratar as doenças, como se alimentar corretamente, como não envelhecer e, o mais importante para mim, como sobreviver à morte da matéria.

Diante desta oportunidade, ao chegar em minha casa, no Rio de Janeiro, fiz uma reunião com todas aquelas pessoas que queriam participar comigo do segundo contato, mas tive minha primeira decepção. Elas estavam dispostas a fazer qualquer coisa para ver Karran, mas não concordaram com a única proposta dele: que saíssemos da cidade e fôssemos para o campo. Entre suas justificativas para não aceitar, estava o argumento mais usado: “não suportaremos viver em uma fazenda, longe da civilização”. Percebi, então, porque Karran não havia concordado que eles fossem junto comigo encontrá-lo. Percebi que, durante todo o tempo, eles não haviam dito a verdade. Vi que, mais uma vez, Karran tinha razão, porque ele me havia dito que aquelas pessoas não estavam dispostas a aprender com ele, nem mesmo a vê-lo, e que o único interesse, que elas realmente tinham, era saber se eu realmente tinha contato com eles.

Mas eu sou uma pessoa teimosa, porque, mesmo sem eles, a idéia de aprender com Karran me fascinava bastante. Então comecei a procurar terras para comprar no estado do Rio de Janeiro. Vi muitas áreas, mas meu dinheiro não dava para comprar nenhuma delas. Além disso, eu não podia contar com



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural

Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

ninguém que pudesse me ajudar. Quando eu já estava quase desistindo da idéia, tive um novo contato auditivo. A pessoa que me falava, dizia que eu deveria ir em direção ao local que tínhamos sido apanhados pela primeira vez, que eles indicariam uma região para que nós pudéssemos instalar ali nosso local de aprendizado. Entramos no carro eu, meu companheiro e minha irmã e seguimos viagem em direção a Belo Horizonte.

Quando chegamos perto de Matias Barbosa, local do nosso primeiro encontro, paramos um pouco na esperança de que aquela fosse a região a ser indicada. Mas falaram-me novamente, quando perguntei se estávamos na região. Disseram que não e que eu poderia continuar sempre em frente, porque eu estava muito afastada do local ao qual eu deveria ir.

Quando chegamos a Belo Horizonte, nem mesmo meu companheiro estava mais acreditando que eu estava sendo guiada por eles auditivamente. Chegamos mesmo a discutir por causa da descrença dele, mas isto não me impediu de continuar seguindo as instruções que me eram dadas, e, para piorar o desentendimento com o meu companheiro, quando chegamos na região escolhida já era noite e a última coisa que disseram para mim foi que eu deveria dormir, pois eles só falariam comigo no dia seguinte. Não foi fácil dormir em três dentro do carro.

No dia seguinte, pela manhã, saímos para dar uma volta na região. Em uma daquelas estradas encontramos um senhor, que passava por baixo de uma cerca de arame farpado. Paramos para pedir informação sobre o lugar. Este senhor nos disse que estávamos perto de Vila Amanda, olhou para a placa do carro e nos perguntou: – Vocês são do Rio de Janeiro, o que estão fazendo tão longe de casa?

Respondemos que estávamos passeando na região para conhecê-la, e, se fosse possível, gostaríamos de ver terras para comprar. Este senhor então se apresentou – se chamava Clemente – e nos convidou para irmos à sua casa tomar um café e falarmos um pouco a respeito de sítios e fazendas que estavam à venda naquela região. Clemente cortou caminho por baixo da cerca e nós continuamos indo de carro até encontrarmos a porteira que levava à sua casa. Quando chegamos, ele já estava em casa à nossa espera. Ele nos convidou a entrar e sua esposa, D. Raimunda, nos preparou um café. Entre uma conversa e outra ele nos convidou para o almoço e foi enquanto almoçávamos que veio a maior surpresa. Clemente começou a nos aconselhar a não comprar terras naquela região. Explicando-se, ele disse que, como éramos pessoas da



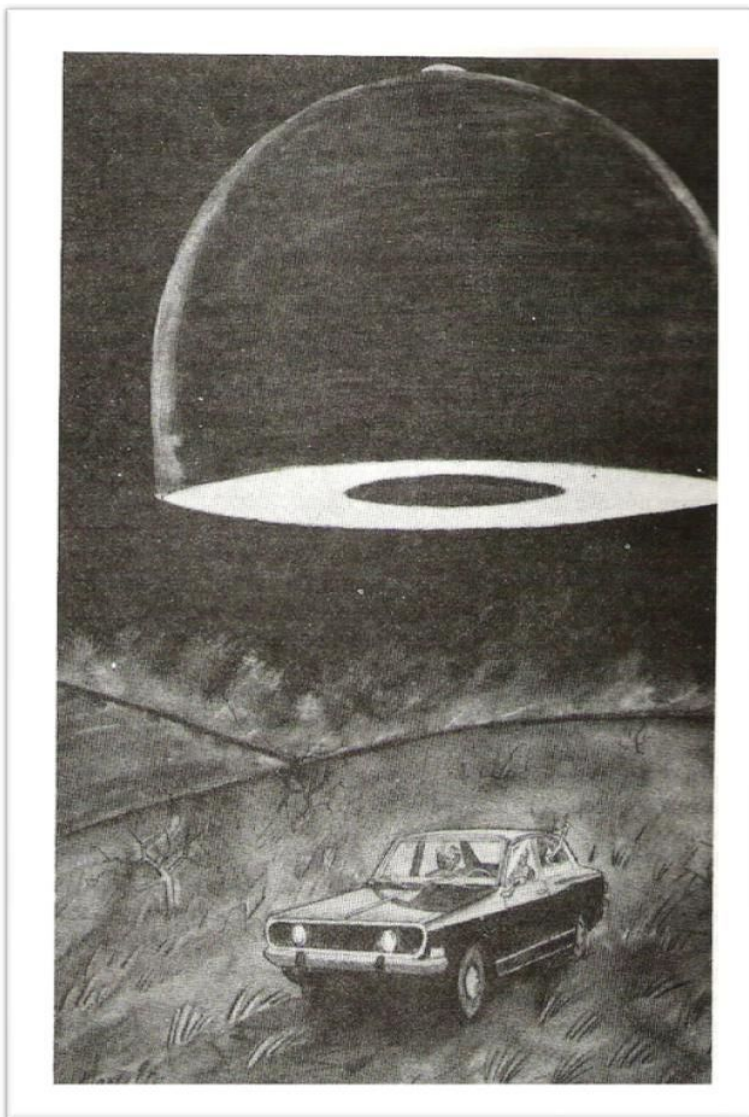
cidade, não tínhamos como saber que naquele lugar aconteciam coisas muito estranhas e que quase todas as pessoas daquela região não gostavam de sair de casa à noite por terem medo dos aparelhos que costumavam passar por ali à noite. Perguntei que tipos de aparelhos eram esses. Ele disse que o pessoal da cidade de Belo Horizonte dizia serem discos voadores.

Eu e meu companheiro trocamos olhares. Desta vez meu olhar para ele foi de desaprovação, porque, no dia anterior e grande parte da noite, ele tinha brigado comigo por estarmos fazendo aquela viagem, que, para ele, era “mais uma das minhas palhaçadas”, tal como os exercícios que eu vinha fazendo. Irritado, ele tinha dito que, logo após o almoço, voltaríamos para o Rio de Janeiro porque ele não ia mais andar pela minha cabeça. Depois da conversa com Clemente, meu companheiro recuou e disse que me daria mais uma chance e passaria mais aquela noite na região.

Durante à tarde demos umas voltas de carro junto com o Clemente para que ele nos mostrasse a região. À noite, muito contra a vontade de Clemente e de D. Raimunda, saímos para ver as estrelas, como dissemos a eles. Quando Clemente viu que não íamos mesmo dormir em sua casa, resolveu nos levar a um ponto que ele achava não ser perigoso. Era uma estrada de pouco movimento, em uma região mais elevada. Clemente, depois de nos deixar no local, voltou para sua casa. Eu, meu companheiro e minha irmã ficamos à espera da comunicação que eu pensava ter antes deles descerem com a nave.

Foi ficando muito tarde, nós estávamos muito cansados e a comunicação não vinha. Resolvemos tirar plantão. Dois dormiam por duas horas enquanto, um ficava acordado à espera. Mas eles chegaram no plantão de minha irmã. Eu tinha dito a ela que, quando os vi pela primeira vez, a nave estava acesa. Por isso ela deve ter pensado que dessa vez também seria assim, mas não foi.





... A nave veio apagada e ficou parada logo acima do carro ...

A nave veio apagada e ficou parada logo acima do carro. Minha irmã estava sentada no banco traseiro do carro e ficou olhando aquele vulto grande e redondo sem entender o que estava se passando. Ela, então acordou o meu companheiro dizendo para que ele tornasse conta um pouco, pois ela estava com tanto sono, que já estava tendo miragens: uma casa de sapo em cima do carro – o termo casa de sapo é usado em Minas, para designar forma do cogumelo. Quando nós olhamos, era a nave. Ela saiu do ponto que estava, acima do carro, e desceu a uns 50 metros à nossa frente, à direita do carro. Quando recebi a comunicação no Rio de Janeiro, percebi que

a voz era de mulher. Aquela voz me havia também informado que eles eram bastante diferentes de Karran. Mesmo assim, quando saíram da nave eu tive medo. Eles eram baixinhos e caminhavam lentamente e, à distância, pareciam não ter ombros. Lembrei-me, então de uma carta que eu havia recebido de um pesquisador de Belo Horizonte integrante do grupo de pesquisa CICOANE. Nesta carta o pesquisador, Alberto Francisco do Carmo, dizia que a CICOANE tinha tomado conhecimento do nosso contato e que eles estavam muito preocupados conosco, porque nós descrevíamos Karran como um homem bonito e bom e eles, através de pesquisas já feitas, tinham certeza de que eles não eram o que aparentavam para nós. Alertava para que tivéssemos muito



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural
Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

cuidado com eles, principalmente os baixinhos, que eram agressivos e maus e tinham uns robôs que eram utilizados para pegar pessoas e fazer trabalhos de terra. Alertava ainda que muitos eram os contatos mal sucedidos aqui em nosso planeta. Portanto, deveríamos ter muito cuidado, pois poderíamos estar sendo usados para algum propósito não muito bom. Alberto chegou até a mandar, nessa carta, algumas perguntas para serem feitas a Karran, com a finalidade de descobrirmos se estávamos sendo usados por Karran.

Enquanto eu pensava nisto, abrimos a porta e nos colocamos de pé do lado de fora. Eles estavam vindo devagar em nossa direção. Neste momento meu companheiro caminhou rapidamente na direção deles. Eu, como estava com medo, fui mais devagar e atrás de meu companheiro. Eles pararam e quando meu companheiro chegou perto, um deles esticou o braço ordenando ao meu companheiro que parasse ali onde estava. Em seguida aquela voz de mulher disse a ele:

“Nunca mais faça isso, nunca mais venha em nossa direção desta maneira. Nós só não o paralisamos por saber que vocês estavam aqui a nossa espera. Se não fosse este o motivo, paralisaríamos você antes que pudesse dar dois passos. Esta sua atitude é considerada, por nós, uma atitude perigosa. Nós somos indefesos em sua terra por termos pouca mobilidade aqui, e, por este motivo, não deixamos que nenhum de vocês se aproxime de nós. Somos sempre nós que nos aproximamos de vocês”.

Virou-se para mim dizendo:

“Karran me pediu que eu falasse com você e que lhe mostrasse esta região. Aqui neste ponto, qualquer lugar em que você fizer o centro de aprendizado está bom”.

Continuamos a conversar, eu preocupada com a voz que vinha de dentro daquele capacete esquisito, em forma de meia lua. Entre uma pergunta e outra eu abaixava para ver se passava alguma luz ali dentro, pois eu tinha quase certeza que ali não tinha gente e que dentro daquela roupa só poderia estar o tal robô do qual Alberto havia falado. Fiz este gesto várias vezes, abaixando e olhando. Acho que eles perceberam o que estava se passando comigo porque, de repente, ela parou de falar em português e os dois passaram a conversar em seu próprio idioma. Não demorou muito e eles levaram a mão no peito apertando parte de suas roupas dentro da mão. Quando este movimento foi feito, à parte da frente do capacete deles subiu e, eu e meu companheiro



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural

Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

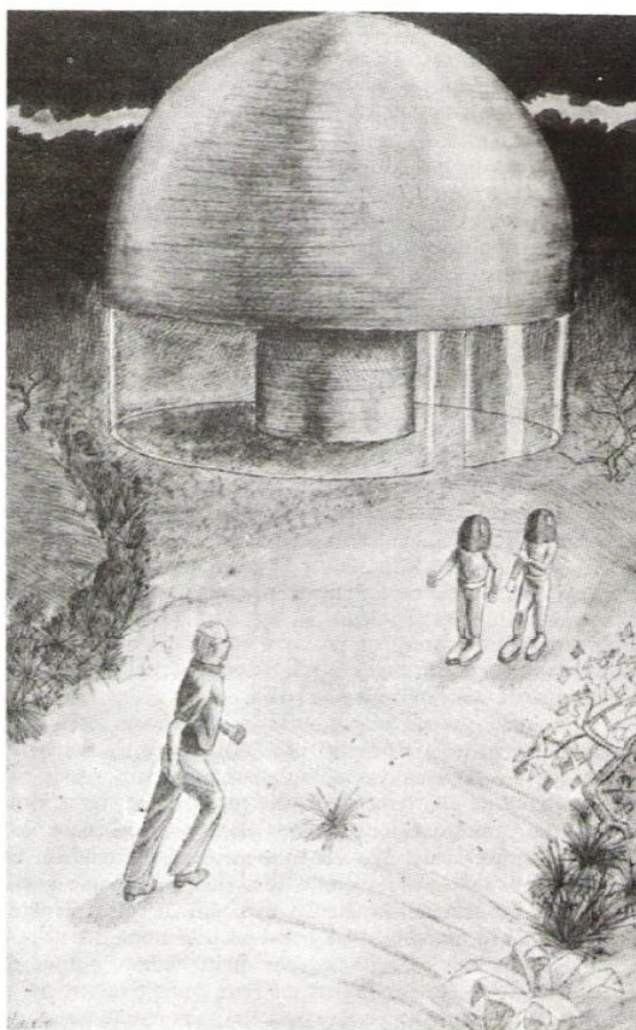
Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

vimos que dentro daqueles macacões estranhos havia duas pessoas: um homem e uma mulher. Seus rostos eram pequenos, seus olhos se pareciam com os dos japoneses, porém, eram mais alongados. Suas bocas também eram pequenas. Vi que tinha cabelos lisos e claros. Também notei que eles não eram morenos. Neste dia, não tivemos condições de ver a cor de seus olhos. Depois que eles baixaram os capacetes, eu lhes disse que no início da conversa tive medo e expliquei o motivo desse medo. Falei sobre a carta de Alberto. Depois de algum tempo de conversa, perguntei:

– Qual o motivo que leva esta região a ser indicada?

Eis a resposta que nos foi dada:

– Esta região, como muitas outras, facilita nossa vinda. Ela tem montanhas de vários níveis que dificultam a visibilidade à distância. Também tem bastante água e isto permite que fiquemos mais tempo com nossa nave no solo. É um lugar isolado dos centros residenciais. Também não tem luminosidade artificial, pois, quando há luz artificial, nossa presença é facilmente notada. Nossas naves anulam esta luminosidade. Estamos fazendo estudos nesta área e também em outras. Entre as áreas que estamos estudando esta não fica longe dos grandes centros residências.



... , um deles esticou o braço ordenando ao meu companheiro que parasse ali onde estava ...



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural
Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

Contei a ela que os pesquisadores de Minas Gerais já estavam sabendo do trabalho que eles estavam fazendo naquela região. Disse-lhe que quando o Clemente falou das coisas que vinham acontecendo com os moradores da região, eu me lembrei que já tinha ouvido falar do que acontecia ali em uma palestra dada no Rio de Janeiro, pelo professor Ulvio Brant Aleixo, mas ainda não tinha certeza se ele estava falando da mesma região. A maneira como o assunto fora abordado por ele, dava a impressão de uma região altamente perigosa, isto porque o pessoal dos discos voadores que costumavam passar na região que ele estava estudando, também eram pequenos, mas extremamente hostis.

Foi então que ela perguntou se eu estava com medo deles. Eu disse que naquele momento não, mas que se ela me tivesse falado que era pequena quando eu ainda estava em minha casa, provavelmente eu não teria ido àquele encontro, por ter somente informações amedrontadoras sobre eles, principalmente com relação à agressividade. Mas ela disse-me que eles também nos consideram bastantes agressivos e têm um cuidado tão grande conosco, uma cautela tão grande que, dificilmente, permitem que um de nós se aproxime deles, como naquele momento.

Neste dia não conversamos por muito tempo, porque ela disse que eles não gostam de ficar em terra como estavam, por se sentirem muito perto do perigo, pois eles estavam tão assustados quanto nós. Mas antes que eles fossem embora, eu prometi verificar para nós e também para eles, se realmente aquela era a região citada pelo Professor Ulvio Brant Aleixo. Durante todo o tempo em que eu e meu companheiro estávamos conversando, minha irmã não saiu de perto do carro.

Antes que eles fossem embora pediram para que nós voltássemos para perto do nosso carro. Quando já estávamos ao lado dele, os dois caminharam para dentro da nave. Na realidade eles não foram amistosos como Karran e Zirr. Mas ao irem embora, o fizeram bem devagar tirando sua nave do chão e passando com ela próximos a nós umas quatro vezes, indo e voltando. Entendemos que aquele espetáculo que eles nos ofereciam era uma maneira amistosa deles se despedirem. Nós continuamos ali sentados dentro do carro, comentando o que tinha acabado de acontecer. Minha irmã estava “passada” com o que acabava de ver, pois como ela mesma disse, “ouvir dizer que eles existem é uma coisa, mas vê-los é inacreditável”.



Quando o dia começou a clarear, voltamos para a casa de Clemente e, enquanto tornávamos café, contamos a eles que tínhamos visto um daqueles aparelhos, que ele havia mencionado. Quando Clemente ouviu isto ficou muito assustado dizendo que nós tínhamos corrido grande risco de vida e que o pessoal do professor tinha dito a eles que era para andarem armados e se vissem os homens dos discos voadores deveriam atirar para matar. Clemente nos contou que um disco voador já havia pousado perto da caixa d'água que ele havia construído para irrigar sua lavoura e mostrou-nos sua espingarda dizendo:

– Eu já tenho minha arma e se um deles aparecer de novo por aqui eu passo fogo.

Para acalmá-lo quanto ao perigo que ele pensava que nós tínhamos corrido, contamos a ele que aquela não era a primeira vez que nós tínhamos visto um disco voador e que já tínhamos estado dentro de um deles por mais de dois dias e que pouco antes havíamos falado com os homens dos discos voadores outra vez. Clemente e toda a sua família nos ouviram espantados e muito curiosos com tudo àquilo que lhes contamos.

Quando estávamos voltando para casa resolvemos ir procurar o professor, a fim de saber quais as áreas que ele costumava pesquisar. Não foi difícil saber porque ele não fazia segredo chegando mesmo a nos dar um mapa de toda a região feito por ele e sua equipe. Ele nos contou vários casos que estava pesquisando, inclusive o de Hermelindo, que é considerado por ele como um dos casos típicos de agressão dos extraterrenos para conosco.

O “caso Hermelindo” muito conhecido no meio ufológico, refere-se à experiência desastrada vivida por um comerciante da região que, ao se deparar com uma nave pousada defronte a sua “venda” tentou conseguir a prova material da existência de discos voadores naquela região pedida pelos pesquisadores de Belo Horizonte. Para isso Hermelindo, segundo o seu próprio relato, investiu contra a nave, batendo nela com um moirão de cerca para arrancar-lhe um pedaço. Os tripulantes da nave obviamente, se defenderam. Um deles saiu da nave correndo e Hermelindo o perseguiu. Nisso, a nave decolou e, em seguida, lançou para o chão algo que para Hermelindo se parecia com ganchos. Talvez fossem garras porque Hermelindo foi suspenso pelo traseiro das calças. O tripulante aproveitou a situação para subir para a nave. Hermelindo, debatendo-se, chocou-se com o captador de energia sofrendo ligeiras queimaduras antes de ser largado sobre uma moita de capim.



Depois que saímos da casa do professor voltamos para o Rio de Janeiro, onde ficamos uns 15 dias, agora preparando nossa volta à região com mais calma, para ver as terras. Comprei uma barraca e todo material de camping. Fui à firma em que trabalhava e avisei que ia ficar uns dias fora. Eu estava eufórica e ansiosa para começar a trabalhar a terra. Por esta razão eu tinha pressa em comprá-la. Quando cheguei de volta à casa de Clemente, ele não acreditou na minha disposição, pedi para armar minha barraca em seu quintal. Ele e sua mulher permitiram e até me ajudaram a limpar o local. Arrumamos tudo e, à noite, os filhos de Clemente, fizeram uma fogueira e todos nós sentamos em volta dela para conversar. Clemente e D. Raimunda contavam-me os casos de aparições de discos voadores na região; ficamos uma boa parte da noite conversando sobre este assunto. Mas no dia seguinte, saímos para ver as terras, mas não conseguimos falar com ninguém. Todos fechavam as portas, quando viam que nós estávamos chegando, porque Clemente havia contado a eles que nós já tínhamos estado dentro de um disco voador e voltado, e que nós havíamos dito que não era para ninguém ter medo deles, porque não faziam mal a ninguém. Clemente também havia contado aos seus vizinhos que tinha visto conosco um desenho do homem do disco voador e que ele parecia gente igual a nós. Esta informação deixou todos na região com medo de nós. Eles pensavam que também éramos gente do disco como eles diziam. Por causa disto eu não consegui comprar as terras: ninguém mais queria vender para mim. Ficamos por vários dias nesta tentativa, mas foi inútil. Então voltei para minha casa. Antes de sair de lá, eu prometi a Clemente e a D. Raimunda que voltaria assim que fosse possível.

Em janeiro de 1978, Karran voltou a falar comigo e, nova-mente, minhas ondas e freqüência cerebral foram usadas, para marcar dia e local do encontro.

Quando estávamos com ele, tivemos uma informação que, para nós, foi muito boa. Ele disse, desta vez, iria demorar mais tempo, ia ficar, para voltar com outro povo, porque seu trabalho desta vez ia demorar mais. Por esta razão ele ia poder falar comigo antes de ir embora. Não conversamos muito tempo, mas o suficiente para que eu dissesse a ele as dificuldades que eu estava encontrando para comprar as terras na região, e também falar sobre minhas experiências de saída da matéria. Antes de ir embora, Karran marcou o dia em que iríamos nos ver novamente.

No dia do novo encontro com Karran, pegamos uma máquina fotográfica emprestada. Esta máquina era pequena e simples. Compramos o filme e a caixa de flash e fomos para a região. Quando Karran chegou, eu argumentei com ele



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural

Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

que nós estávamos precisando que ele nos desse alguma coisa que provasse para os pesquisadores que nós tínhamos estado com ele. Mas Karran não quis dar e, mais uma vez, ele disse que isto não era permitido. Continuamos a falar, mas sobre outros assuntos. Quando ele disse que já ia embora, pedi permissão para tirar uma fotografia dele como lembrança para mim. Ele me olhou, riu, dizendo que fotografia dele também não podia. Explicou-me suas razões, mas disse que permitiria que eu fotografasse sua nave. Imediatamente eu peguei a máquina e a caixa de flash, que estavam dentro do carro. Mas Karran disse que só poderíamos fazer as fotografias depois que ele tivesse dentro da nave, e ela estivesse ligada. Ele disse ainda que sairia com ela bem devagar para que pudéssemos fotografar. Quando Karran disse isto, meu companheiro pegou a máquina de minha mão e colocou um dos flashes. Karran nos pediu que entrássemos no carro e fechássemos os vidros e não os abríssimos senão depois que ele estivesse bem alto. Tudo foi feito como Karran pediu. Ficamos dentro do carro enquanto ele caminhava para a nave. Depois que ele entrou e recolheu a escada fechando a porta, eu e meu companheiro tomamos um susto de todo o tamanho, porque, assim que Karran ligou o captador de energia da nave e começou a girar, os flashes que tínhamos, espocaram, todos ao mesmo tempo, não só o que já estava na máquina, mas também os que estavam dentro da caixa. Neste momento meu companheiro, que estava segurando a máquina, disse:

– Agora, como vamos fotografar sem os flashes? Karran sabia que isso ia acontecer, por isso ele permitiu.

Eu disse que fotografasse assim mesmo porque Karran estava cumprindo o que havia prometido, subindo bem devagar e, além disso, a luz emitida pelo captador era muito intensa. Meu companheiro fez sete fotos. Numa das últimas fotos, no mesmo instante, Karran emitiu um tubo de luz que partia da nave vindo até o chão. Este tubo de luz parecia-se com luz negra. Voltamos para casa rapidamente porque meu companheiro tinha que ir ao noivado de uma de suas filhas, durante o qual ele aproveitou o resto do filme fotografando a festa. Quando o filme foi revelado, nós ficamos decepcionados porque somente as fotos do noivado vieram. As sete primeiras o rapaz disse que tinha entrado luz, estavam estragadas, mesmo assim guardei os negativos por uns tempos.

Naquele ano, consegui comprar o meu sítio na região indicada. Não era o que eu queria, mas o que eu consegui. Enfrentei todas as dificuldades até



mesmo para pagar em parcelas, porém, não me importei, porque para mim aquele pedaço de terra era mais importante que qualquer dinheiro.

Comecei a trabalhar a terra, contratei gente da região para trabalhar comigo, mas minha vida foi ficando muito difícil, porque eu morava no Rio de Janeiro e tinha de viajar de 15 em 15 dias para pagar os empregados do sítio. Minhas despesas foram ficando cada vez maiores, e eu não podia contar nem mesmo com o meu companheiro que estava separado de sua primeira esposa. Ela havia ficado com seus três filhos, que na época eram menores e tinha também a curatela de meu companheiro, que havia ficado internado por seis meses em uma clínica de repouso em Jacarepaguá. Por este motivo meu companheiro não tinha nenhum rendimento na época, a não ser algum dinheiro que ele conseguia com vendas de dicionário de bolso. Por serem estes livros muito pequenos e baratos, o lucro que eles davam era muito pouco, mal dava para suas despesas pessoais.

Foi então que pedi para meu pai ficar no sítio e cuidar dele para mim. A princípio, ele não quis, por estar doente. Tinha sofrido uma trombose cerebral e ficado com um lado paralítico. Mas como eu disse a ele que seu trabalho seria apenas o de tomar conta dos empregados, ele aceitou. Este período foi muito difícil para meu pai, por causa destas dificuldades.

Mudei para Belo Horizonte e fui morar no bairro de Padre Eustáquio, no conjunto residencial Santos Dumont. As coisas pareciam mais fáceis, pois eu podia ir toda sexta-feira ao sítio e lá permanecer nos fins de semana. Meu pai continuava não acreditando em Karran, mas, nem por isto, deixava de me ajudar naquele trabalho. Até que, um dia à noite, ele viu do lado de fora de seu quarto uma luminosidade muito grande. A luz entrava pelas frestas da porta e da janela. Ele se levantou e foi para fora de seu quarto e ficou observando a luz que vinha da parte de cima do sítio. Ele me contou que a nave estava pousada bem perto da casa e que, ao vê-la, se lembrou de que, se por acaso ele os visse, ali dentro do sítio, não era para ficar com medo, mas sim recebê-los amistosamente, cumprimentá-los levantando a mão esquerda, e, se eles viessem conversar com ele, bastaria que conversasse normalmente. Meu pai me disse que, ao ver aquela luz, viu também duas pessoas grandes e loiras andando perto da nave. Meu pai levantou a mão direita para cumprimentá-los porque a mão esquerda dele estava paralítica devido à trombose. Eles retribuíram o cumprimento não só com os gestos, mas também com o sinal de luz. Meu pai disse ainda que a luz da nave começou a pulsar, aumentando e diminuindo de intensidade.



A nave voltou por três noites seguidas. Na terceira noite meu pai tentou caminhar na direção dela. Mas, como ele andava muito devagar, puxando da perna esquerda, a nave foi embora antes que ele pudesse chegar perto. Nesta mesma noite, contou-me meu pai, ele voltou para dentro de seu quarto e deitou-se. Estava ainda pensando em tudo que ele tinha visto naquelas três noites e em tudo que eu havia lhe contado sobre Karran quando, de repente, a nave voltou, parou em cima do seu quarto e emitiu uma forte luz que anulou as paredes do quarto. Ele me disse que, deitado em sua cama, podia ver tudo que estava acontecendo do lado de fora. Via a nave acima do teto do seu quarto, a luz que partia dela, e pode ver também o mato que tinha do lado de fora da casa. Ele ficou assim sendo banhado por aquela luz, mais ou menos três minutos. Quando a nave foi embora, ele, ainda muito assustado com tudo aquilo, sentou em sua cama e acendeu o lampião.

Tudo aconteceu entre 8 e 9 horas da noite, porque os mora-dores da vila que fica logo abaixo do sítio presenciaram a tudo e correram para o sítio para ver o que tinha acontecido com ele. Quando chegaram, encontraram meu pai sentado na cama e ainda muito pálido e assustado com tudo aquilo. Eles não quiseram deixar meu pai sozinho lá no sítio, levando-o para uma casa que ficava no povoado, bem ao lado do armazém do Juca, que era um dos antigos donos da terra que havia comprado.

Já haviam se passado três dias deste acontecimento quando cheguei no sítio e não encontrei meu pai. Voltei para a vila e fui à venda do Juca, porque pensava que meu pai estivesse lá, fazendo alguma compra. Quando cheguei à venda, as pessoas que estavam lá naquele momento começaram a me contar o ocorrido e me repreenderam pelo fato de tê-lo deixado sozinho em um lugar “tão perigoso”. Depois me mostraram a casa em que meu pai estava. Fui até lá para vê-lo. Mas ele estava muito bem disposto e não tão assustado como eu pensava encontrá-lo. Conversamos um pouco e eu fui descarregar o carro.

Nesse dia eu tinha levado, além das compras habituais, um saco de ração para as galinhas e também um saco de cimento, para consertar a porta de entrada do quarto em que meu pai ficava no sítio. Tirei do carro o saco de ração que era leve e tentei levantar o saco de cimento, mas não consegui. Pedi a meu pai para esperar que eu ia até a venda pedir ajuda para colocar o saco de cimento dentro de casa.

Quando eu me virei e comecei a ir na direção da venda, ouvi a voz do meu pai quase gritando: – Bianca, olhe para mim! Olhe para mim, filha! Eu me virei



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural

Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

e lá estava meu pai de pé, no segundo ou terceiro degrau da escada que levava a porta de entrada da casa, segurando entre os braços o saco de cimento. Parei e corri para ajudá-lo, mas ele recusou a minha ajuda. Tornando a descer a escada, colocou o saco no chão, depois o pegou novamente e, subindo a escada, ele dizia: – Filha, estou bom, meu braço, minha perna e minha fala voltaram a funcionar, eu estou bom, não tenho mais paralisia em lugar nenhum do meu corpo, eu sarei filha. Nós começamos a chorar e a rir ao mesmo tempo. A emoção foi tão grande que eu não encontro palavras para descrever o que senti naquele momento.

Neste dia fizemos uma fogueira no sítio e meu pai me contou várias vezes como ele tinha visto a nave. Contou-me também que aquele banho de luz, que eles lhe haviam dado, fez com que ele ficasse bom imediatamente, porque ele estava lembrando que, quando o pessoal da vila foi no sítio ver o que tinha acontecido com ele, ao descerem para a vila ele já estava caminhando normalmente. Ninguém teve de esperá-lo, desceram juntos, caminhando, e em ritmo bem acelerado, pois todos tinham medo que a nave voltasse. O susto tinha sido tão grande que meu pai não se havia dado conta de que tinha sido curado por eles.

Meu pai nunca foi muito de abraçar os filhos depois de adultos, mas, neste dia, ele me abraçava muito dizendo: – Obrigada, filha, por estar naquele dia onde o Karran te pegou. Obrigada por ter conversado com ele e aprendido o que você aprendeu. Obrigado por ter me trazido para cá, onde eles puderam me ver e me curar.

Meu pai queria saber o nome da pessoa que tinha feito sua cura, mas eu não sabia naquele momento. Só vim, a saber, em 1979, ano em que Karran não veio, mas pediu a esta pessoa que viesse falar comigo. Quando perguntei porque ele havia feito a cura de meu pai, ele respondeu-me que, em um ambiente cuja proposta de trabalho estava sendo orientada por Karran, não deveria ter nenhuma pessoa doente e que, assim como foi feito com meu pai, seria feito com todas as pessoas que viessem a ter qualquer problema físico ali e fizesse parte do trabalho de Karran.

Depois da cura de meu pai, eu e ele nos dedicamos inteiramente ao sítio. Passei a ficar muito mais tempo lá do que em minha casa; Tudo o que existe pronto no sítio foi feito por mim e por meu pai que 'viveu e trabalhou nesta terra por mais de 4 anos. Neste período fizemos alamedas, praças, açudes e tanques, também fizemos quiosques para nos escondermos do sol, que



Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural

Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: tfca@tfca.com.br

naquela região é muito forte. Enquanto eu e meu pai nos dedicávamos ao trabalho pesado, meu companheiro se dedicava à coisa que ele mais gostava de fazer: sentar e conversar, falar de Karran e seus objetivos.

Naquela época fui entrevistada na TV em um programa que se chamava Programa Flávio Cavalcanti. Na entrevista, inadvertidamente, falei a respeito do sítio e de seus objetivos. Com a minha entrevista na TV começou a divulgação do meu caso pelos jornais. Então, o número de pessoas interessadas em discos voadores aumentou muito. Houve dias de haver 85 pessoas no sítio, gente de toda parte do Brasil: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Rio Grande do Sul e Paraná. Com tanta gente interessada no assunto, meu companheiro, que até aquela época vivia comigo, ficou fascinado com a possibilidade de liderar grupos novamente, pois tendo sido um servo da congregação das Testemunhas de Jeová não aceitava outras posições senão a de chefe ou líder como ele dizia: “nasci para líder e não ser liderado, muito menos por uma mulher”.

Para quem não sabia o que estava se passando, parecia mesmo que ele era um dos contatos de Karran, porém, o que ninguém sabia é que eu era quase sua prisioneira, vivia ameaçada por ele, dizendo que se eu revelasse para as pessoas sua verdadeira posição neste contato, por causa do seu problema de ordem mental, isto destruiria o contato e a imagem de Karran diante das pessoas e principalmente dos pesquisadores. Para defender meu contato fui me sujeitando as suas exigências, cheguei mesmo a suportar que ele colocasse outra mulher dentro de minha casa e também em minha propriedade. Só sabiam destes detalhes pessoas de minha inteira confiança.

Este problema foi se agravando cada vez mais, pois ele me obrigava a viver no mesmo ambiente com ele e sua nova mulher. Ele não queria me perder, pois eu era sua fonte de informação, sua fonte de renda, ou melhor, sua “galinha dos ovos de ouro”. Vivi assim subjugada e humilhada por mais de 2 anos.

Em 1981, no início do ano, Karran veio. Eu, então, expliquei a ele o que estava acontecendo comigo. Karran falou com o meu companheiro e disse-lhe que ele estava agindo completamente diferente do que ele, Karran, havia ensinado, pois seu objetivo era ensinar a ouvir e respeitar o nosso semelhante e não a subjugar o ser humano, como ele vinha fazendo comigo, pelo fato de eu ser a única ligação que existia entre ele e Karran. Quando meu companheiro viu que eu tinha contado a Karran o que estava acontecendo e que Karran



estava criticando a sua conduta, perdeu totalmente o controle e começou a discutir com Karran, dizendo-lhe que ele não era daqui e que, portanto, não deveria se intrometer em nossa vida, pois, não sendo daqui, ele não tinha os pés no chão e não sabia a humilhação a que o havia submetido por ter feito de uma mulher o seu contato e não a ele, que era homem.

Continuou dizendo a Karran que aqui, na nossa Terra, quem manda é o homem e não a mulher. “Faça comigo o registro de minhas ondas mentais e passe a marcar comigo quando você vier, então não precisarei mais dela”, disse-lhe meu companheiro.

Karran ficou olhando para ele e depois de ouvi-lo disse-lhe:

– Meus contatos são escolhidos pelo número de impulsos cerebrais e não por imposições.

Dizendo isto, Karran caminhou na direção da sua nave.

Quando meu, a esta altura ex-companheiro, viu que ele estava indo embora sem despedir-se, perguntou-lhe:

– Quando é que eu te vejo novamente, Karran?

– Nesta matéria você não vai me ver mais – respondeu-lhe Karran.

Acredito que ele não esperava esta atitude de Karran, pois, até aquele momento só encontrara pessoas que se sensibilizavam e procuravam entender seus argumentos com relação a mim e ao contato. Mas a partir do momento que percebeu que não tinha conseguido sensibilizar Karran, como vinha fazendo com as pessoas daqui, tomou uma atitude inacreditável com relação a mim. Prendeu-me dentro do meu apartamento dizendo: “Se Karran não falar comigo, também não falará com você, pois eu não permitirei, e, agora, Bianca, você vai ver quem pode mais, eu ou Karran.

Se ele não falar comigo eu destruo você e quero ver o que ele, Karran, pode fazer para me impedir”.

Depois de estar alguns meses presa, consegui fugir dele e fui trabalhar em Brasília.



Quando cheguei a Brasília não foi muito difícil continuar o meu trabalho, pois nesta cidade eu tinha alguns amigos que me apoiaram. Entre estes amigos, que lutaram e continuam lutando comigo para que eu consiga levar o meu trabalho aos interessados, quero destacar o Doutor Azor Antonio Dias e meu amigo e marido Dalton Bichara Simão.

Karran continuou a manter contato comigo sempre que vem à nossa Terra. Quando ele não vem, pede a outra pessoa que faça isso por ele. Porém, todos os que vêm, sempre falam comigo em seu nome, porque eu sou contato de Karran e não deles. Mas, não importa quem fale comigo, sinto sempre que a preocupação de todos é com o trabalho que eu venho realizando desde 1979.

Os resultados desse trabalho poderiam ser apresentados aqui, mas tornariam este relato muito longo, pois seria necessário reunir e organizar oito anos de experiências e aprendizado. Espero concluir dentro de pouco tempo um relato específico sobre os resultados do meu trabalho que darão seqüência a este livro.

